

## **FEIRAS LIVRES: Espacialidade e Temporalidade da reprodução Camponesa**

Lenize Bentes de Moraes<sup>1</sup>

Eneias Barbosa Guedes<sup>2</sup>

Cidiane Figueira Cardoso<sup>3</sup>

### **Resumo**

O trabalho ora apresentado tem como objeto de investigação as feiras livres do Mercado dois mil, Aeroporto Velho, e Cohab da cidade de Santarém, mesorregião do Baixo Amazonas Estado do Pará-Brasil. As feiras são aqui entendidas como fração do espaço da cidade, apropriado por trabalhadores rurais e pequenos comerciantes para comercialização do produto do trabalho camponês. O objetivo dessa produção acadêmica é entender o processo de organização do trabalho nas feiras livres na cidade de Santarém garantido e mantido pela Associação de Produtores Rurais de Santarém (APRUSAN), reunindo trabalhadores rurais como mecanismos de valorização do homem do campo. Os procedimentos da pesquisa foram: revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas junto a lideranças e camponeses. As análises indicam que as feiras livres representam localmente espacialidade e temporalidade dos grupos camponeses que resistem ao tempo/espaço da aceleração capitalista contemporânea.

**Palavras Chaves:** Feiras, Camponês, Trabalho familiar.

### **Introdução**

As feiras nos espaços das cidades amazônicas, devem ser entendidos enquanto lugar de circulação dos produtos do trabalho camponês. Nesta investigação apresentamos um estudo das feiras livres do Mercado dois mil, Aeroporto Velho, e Cohab da cidade de Santarém, mesorregião do Baixo Amazonas Estado do Pará-Brasil. As feiras são aqui entendidas como fração do espaço da cidade, apropriado por trabalhadores rurais e também por pequenos comerciantes para comercialização do produto do trabalho camponês.

Assim entendido, o objetivo dessa produção acadêmica é analisar e compreender o processo de organização do trabalho nas feiras livres na cidade de Santarém garantido e mantido

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia com habilitação em Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Email: lenize\_morais@hotmail.com

<sup>2</sup>Eneias Barbosa Guedes: Mestre em Geografia, professor do curso de Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), aluno do curso de doutorado interinstitucional (Dinter) do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP), em parceria com Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA e o Instituto Federal do Pará - IFPA. e-mail: eneias.guedes@bol.com.br.

<sup>3</sup>Acadêmica do curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia com habilitação em Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Email: cidianecardoso@hotmail.com

pela Associação de Produtores Rurais de Santarém (APRUSAN), reunindo trabalhadores rurais das comunidades da várzea e do planalto santareno. Essas feiras desde o início de suas criações têm o intento de valorização do homem do campo que tem na terra de trabalho e não de negócios (MARTINS, 1981) os meios de reprodução da unidade familiar camponesa.

Tais feiras são mantidas e organizadas pela – APRUSSAN desde 17/06/1983 data de sua criação. Essa entidade representativa de seus associados, surge da necessidade de organizar os trabalhadores rurais incentivando a comercialização de seus produtos sem a figura do atravessador. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos que tem por objetivo apoiar a agricultura camponesa da base familiar, buscando mecanismos para que os trabalhadores rurais pudessem vender seus produtos com maiores possibilidades de renda mantendo-se no espaço rural ligado ao trabalho na terra.



A população estimada em 2017 no município de Santarém, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, é de 296.302 pessoas. Desse quantitativo 78.790 são moradores da zona rural de várzea e terra firme, equivale a 27% de toda a população. A Lei do Plano Diretor do município de 2006 estabelece na zona rural oito distritos: distrito do Lago Grande do Curuai, distrito do Rio Arapiuns, distrito do Rio Tapajós, distrito do Rio Amazonas, distrito do Eixo Forte, distrito do Rio Mojuí, distrito do Rio Moju e distrito do Rio Curuá-Una.

De acordo com os dados do Programa Agentes Comunitários de Saúde 2009, da Secretaria Municipal de Saúde - SEMSA, são 472 comunidades rurais distribuídas ao longo

desse distritos, das quais 260 localizam-se nas regiões dos rios e várzeas, e 212 estão na zona do planalto. Os demais 215.790 da população são moradores da cidade de Santarém constituída de 48 bairros. As feiras do Aeroporto Velho, Mercado 2.000 e Cohab estão localizadas nos bairros de Aeroporto velho, Fátima e Diamantino/Coahb respectivamente.

Os procedimentos adotados para essa pesquisa foram: revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo. Primeiro procuramos compreender as feiras camponesas de Santarém fundamentado na teoria da produção social do espaço de Santos (2008). As ideias de espaço banal desse autor nos permitem compreender o espaço socialmente produzido nas feiras e suas dinâmicas. Sobretudo entendendo as trocas de mercadorias nas feiras como parte do circuito inferior da economia urbana (Santos, 2004).

Ademais, sendo oriundo de interpretações próprias do autor, sobre o desenvolvimento do modo de produção capitalista em países subdesenvolvidos suas contradições e conflitualidades e complexidades, os circuitos inferiores da economia urbana apresenta-se materializado no objeto aqui investigado, as feiras camponesas em Santarém, pela necessidade de compreender e analisar as formas de produção, comercialização e o consumo do circuito inferior.

Nessa perspectiva, as teorias de Milton Santos nos ajudam no entendimento do objeto de investigação, resultado do intenso trabalho de trabalhadores rurais nas suas dinâmicas da produção agrícola. Nesse estudo, entendemos o trabalho camponês como não moderno, atividades de pequena dimensão e que se mantêm com mão de obra familiar, sendo a lógica de produção dos camponeses entendida como racional, intencional, criativos e eficientes na sua forma de produzir e reproduzir a vida da família.

Ainda, para compreender as distintas maneiras de exploração do trabalho camponês, recorremos a obra “Os novos camponeses” do autor Armando Bartra Vergés publicada em 2011. Entendemos que as contribuições deste autor nos dão subsídios para compreensão da exploração do campesinato, revelando a condição do mesmo no modo de produção capitalista e os diferentes caminhos da exploração existente nos circuitos que envolvem o produto do trabalho camponês quando nos apresenta a assertiva em que “no capitalismo, todo produto lançado no mercado assume a forma de mercadoria capitalista independente do processo específico de produção que lhe deu origem”(VERGÉS, 2011, p.2).

Suas teorias nos permitem compreender a pluralidade do campesinato e como o mesmo dispõe da relação direta com a cidade por conta do êxodo que adota, expondo assim a condição da reprodução camponesa que é inerente sua relação com a cidade.

As análises de documentos da Associação dos Produtores Rurais de Santarém (APRUSAN) foram fundamentais nessa pesquisa. Sendo documentos oficiais de assembleias, reuniões entre outros que contem deliberações, discussões e dados imprescindíveis aos entendimentos da organização política das feiras nesse município. O trabalho de campo ocorreu por meio de observações das áreas referentes às feiras livres, aplicação de questionários e entrevistas junto a lideranças e camponeses que estão inseridos na espacialidade e temporalidade das feiras do produtor rural em Santarém.

Este artigo está estruturado sob cinco tópicos. A primeira, esta seção introdutória. Segunda refere-se as feiras como o espaço de circulação do produto do trabalho camponês, sobretudo entendendo as trocas de mercadorias existente no espaço, em que as feiras são caracterizadas como parte do circuito inferior da economia urbana. A terceira versa considerações sobre as espacialidades das feiras na cidade de Santarém. Na quarta, consideramos que a pesquisa sobre as feiras não pode ser compreendida apenas na escala do espaço, mas também no tempo, ou seja busca-se fazer um diálogo considerando a temporalidade da feira camponesa. Por fim traz-se algumas considerações a respeito dessa atividade econômica dos camponeses no espaço da feira, que representam localmente espacialidade e temporalidade desses trabalhadores rurais que se recriam e resistem ao tempo/espaço da aceleração capitalista contemporânea.

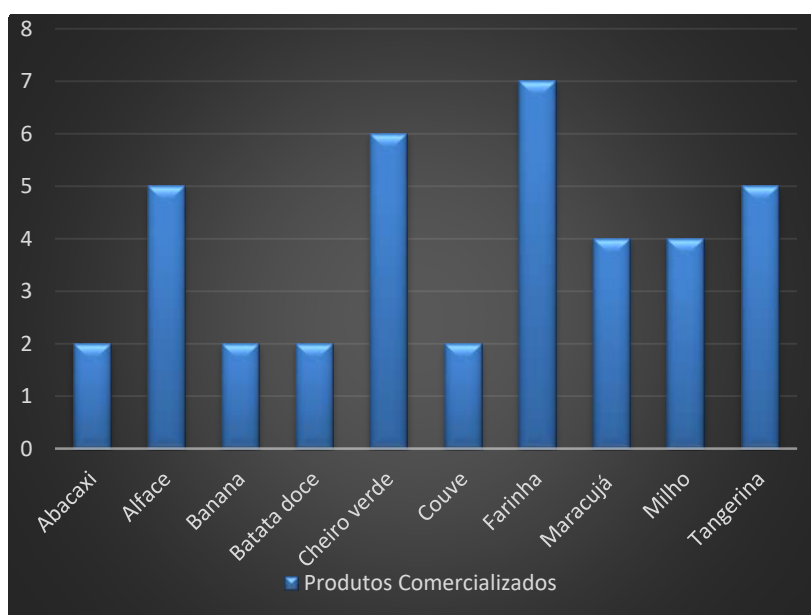
### **As Feiras Livres em Santarém: Espaço da Circulação do Produto do Trabalho Camponês.**

As feiras do Aeroporto Velho, Mercado 2.000 e Cohab na cidade de Santarém estão localizadas respectivamente nos bairros de Aeroporto velho, Fátima e Diamantino/Coahb. O funcionamento das mesmas ocorre em dias diferentes sendo suas instalações resultados de um processo histórico de ocupação e produção do espaço da cidade, bem como das reivindicações por parte dos trabalhadores rurais dos municípios de Santarém e Mojuí dos Campos em lutas constantes por lugares na Cidade com garantia para comercialização do produto do trabalho

camponês, igualmente possibilidades e condições de reprodução de sua existência por meio do trabalho.

A associação desses trabalhadores, APRUSSAN, apresenta uma estrutura organizacional composta por uma diretoria que tem como princípios e valores básicos a participação e valorização dos pequenos produtores rurais. Suas decisões e deliberações ocorrem por meio de reuniões comunitárias e assembleias gerais. Contudo, os associados são também inseridos em comissões de fiscalizações para melhor funcionamento das feiras.

Segundo os documentos oficiais da APRUSSAN, as feiras livres camponesas organizadas e mantidas por essa entidade representativa, são responsáveis por 80% da comercialização dos produtos agrícolas no município de Santarém. Destaca-se em meio a diversidade de produtos (Gráfico 01) a comercialização de alface, cheiro verde, farinha, milho, entre outros que são resultados do trabalho na terra.



**Gráfico 01: Principais Produtos Comercializados nas Feiras**  
 Fonte: trabalho de campo em abril de 2017

A produção e comercialização dos mesmos são de suma importância para as famílias camponesas, uma vez que estes são considerados componentes essenciais para a continuidade do modo de vida dos grupos familiares rurais.

Eu gosto de vim vender! E também, participo da produção também. Essa farinha aqui eu consigo vender rápido, mas demoro pra fazer ela. Mas eu gosto, faz tempo que a gente trabalha com isso. Consigo manter a casa, sabe? (Fonte: Entrevista com Feirante A. M. durante o trabalho de campo na feira da Coahb em março de 2017)

Santos (2005), assevera haver nas cidades dos países subdesenvolvidos dois circuitos da economia: um circuito superior e um circuito inferior, sendo esses subsistemas do sistema global que se apresenta na cidade. Esses circuitos não podem ser analisados de maneira dual, mas, ambos são resultados do movimento de modernização tecnológica. Esse processo cria a um só tempo diferenças qualitativas e quantitativas de comércio e consumo.

Entende-se aqui as trocas de mercadorias nas feiras como parte do circuito inferior da economia urbana. Esse circuito, encontra elementos para a sua existência por meios de articulações na cidade e região (Santos, 2004, p.48). As feiras e o modo de vida dos camponeses estão diretamente ligados ao modelo de circuito inferior da economia urbana, na qual se estrutura por meio de tecnologias e organizações primárias em comparação ao circuito superior.

Retomando as ideias de Bartra (2011), acreditamos ser a pequena produção camponesa atual produto das relações contraditórias da reprodução do modo de produção capitalista. Nestes termos, as feiras enquanto espaços de reprodução camponesa por meio de circulação do produto do trabalho camponês, opera-se submetido as leis da economia básica, isto é, a máxima valorização do capital. Portanto indiretamente é uma forma de exploração do trabalho não diretamente na produção mas, na circulação.

### **Espacialidade das Feiras na Cidade de Santarém.**

Se faz necessário a compreensão do espaço, visto aqui como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas e ações, não considerados isoladamente” (SANTOS, 2008), para o melhor entendimento das diferentes relações e dinâmicas locais do nosso objeto de estudo. Assim, busca-se entender as feiras de Santarém fundamentado na teoria da produção social do espaço de Santos (2008). Pois que, a ideia de espaço banal permiti-nos compreender a organização do espaço socialmente produzido nas feiras e as dinâmicas da circulação de produtos oriundas do espaço rural que ao entrar nas relações de trocas no circuitos inferior da economia da cidade, assumem o papel de função de mercadorias.

As três feiras investigadas possuem dinâmicas e espacialidades diferentes, bem como os dias de funcionamento são igualmente distintos. A feira da Cohab possui dois dias de funcionamento durante a semana; A feira do Aeroporto Velho apenas um dia e a feira do Mercado 2000 referente a todos os dias. É relevante também destacamos que esses espaços

da circulação de produtos possuem em seu interior características diferentes de trabalhadores rurais.

A última feira citada há fortes presenças de atravessadores, sendo essa uma das principais problemáticas e reivindicações expostas pelos camponeses entrevistados que passam a disputar com os atravessadores as barracas do espaço em questão. No entanto, na feira da Coahb e Aeroporto Velho, a figura do atravessador é quase nulo, pela própria dinâmica e espacialidade e temporalidade construídas nas relações de trocas de mercarias. Observa-se que nessas feiras os camponeses são provenientes de diversas comunidades da área de terra firme como Nova Aliança, Lavas e Cipoal.

A feira da COHAB (Figuras 2 e 3) inaugurada no ano de 1992 funciona nos dias de sextas feiras e sábados no espaço público na Avenida Curua-Una, no Bairro Diamantino. As condições de funcionamento são bem precárias por se tratar do uso da via pública e calçadas usadas para comércio de produtos. Possui 257 produtores associados a APRUSAN. Vale aqui também destacar que a infraestrutura da feira influencia na porcentagem da participação dos sujeitos interessados nos produtos, ou seja, a clientela. Como destaca um dos nossos entrevistados: “A infraestrutura não é boa! Quando chove fica difícil, se perde produto e cliente. E quando chega o “verão” as coberturas das barracas esquentam muito e ninguém quer ficar em um local assim.”(Fonte: Entrevista com Feirante A. S. durante o trabalho de campo na feira da Cohab em março de 2017).



**Figura 2: Entrada da Feira da Cohab**  
Foto: Moraes: Pesquisa de campo março de 2017



**Figura 3: Área de comércio Feira da Cohab**  
Foto: Moraes: Pesquisa de campo março de 2017

A área usada por esses trabalhadores pertence ao poder público estadual, justamente isso, tem sido motivo de discussões nas reuniões da APRUSSAN, que luta junto aos produtores rurais pela posse e domínio definitivo da área, para construções, por meio de

projetos, instalações e melhorias de infraestrutura a partir de possíveis auxílio do governo municipal de Santarém.

Em se tratando da feira do Aeroporto Velho. Essa possui espacialidade e temporalidade específica. Seu funcionamento ocorre apenas aos domingos e se diferencia das demais feiras em Santarém porque possui um espaço próprio, e segundo o atual presidente da associação a mesma contém maior fluxo comercial dos produtos, ou seja, é moldada pela temporalidade e dinâmica dos fluxos intensos de mercadorias.

Essa observação da realidade empírica, vai ao encontro do que nos alerta Santos (2008), quando assevera que o espaço diante das distintas características deve ser considerado como produto da sociedade humana em seu processo contínuo e ininterrupto de produção, organização e reprodução social na indissociável de espaço/tempo:

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições. (SANTOS, 2008, p.54)

Entendemos que essa feira apresenta espacialidades que distingue das demais feiras da cidade. Fundada no ano de 1990, se estabeleciam no meio da Rua Anízio Chaves, no mesmo Bairro. No entanto, com parcerias do governo Municipal, estadual, sindicato dos trabalhadores rurais e empresas privadas, a APRUSSAN conseguiu um terreno e os trabalhadores organizados, juntamente com o poder municipal construíram um galpão para comercializar os produtos do campo. Contudo, a tradição de uso da rua e calçadas para armar as barracas e vender a produção continua como uma marca da tradição da realização dos feirantes no tempo do acontecer da feira. Em virtude das parcerias a feira (Figuras 4 e 5) possui atualmente um espaço de 2.500 m<sup>2</sup> com estrutura murada, portão de ferro e cobertura metálica.



**Figura 4: Entrada da Feira do Aeroporto**



**Figura 5: Área de comércio Feira do Aeroporto**



Foto: Moraes: Pesquisa de campo, março de 2017

Foto: Moraes: Pesquisa de campo, março de 2017

A feira do Mercado 2.000, localizada no Bairro de Fátima apresenta melhores condições de instalações e funcionamento. Proporciona uma dinâmica diária de fluxos de mercadorias diversas oriundas das distintas comunidades rurais de várzeas e terra firme. Suas instalações locais podem ser caracterizadas como um complexo espaço de comércio variados cedido pelo poder público Municipal para funcionamento da feira.



**Figura 5: Entrada da Feira do Mercado 2000**  
 Foto: Moraes: Pesquisa de campo, março de 2017



**Figura 6: Área de comércio Feira do Mercado 2000**  
 Foto: Moraes: Pesquisa de campo, março de 2017

Dentre as três feiras de circulação do produto do trabalho camponês na cidade de Santarém, sem dúvida a feira do Complexo Mercado 2000 é aquela que oferece maior dinâmica e diversidade de produtos e comércio. Há nessa feira uma diversidade de produtos que chegam todos os dias para abastecer as mesas dos trabalhadores que vivem na cidade. Aqui são vendidos e comprados, peixes, frutas, verduras, óleos de palmeiras, óleos de peixes, e uma infinidade de produtos extraídos da floresta. Tudo entra no circuito inferior da economia da cidade.

Barcos, caminhões, caminhonetes, carroças e carros empurrados a braços desembarcam toneladas de produtos nessa feira durante o dia e noite. Trabalhadores rurais e atravessadores expõem suas mercadorias a espera de clientes todos os dias da semana. E nesse processo a feira acontece confirmando a ideia de que o campo não se realiza sem a interação com a cidade, assim como a cidade é dependente dos homens do trabalho do homem do campo. Nessa relação de interdependências entre campo e cidade que os fluxos se realizam no espaço de interações na efetivação do circuito inferior estabelecido nas dinâmicas das feiras livres camponesas na cidade de Santarém.

## O Tempo da Feira Camponesa.

Entendemos que a pesquisa em Geografia, deve abarcar não apenas a escala do espaço como também a escala do tempo. Nesse ponto, Santos (2008) afirma:

O espaço do trabalho contém técnicas que nele permanecem como autorizações para fazer isto ou aquilo, desta ou daquela forma, neste ou naquele ritmo, segundo esta ou outra sucessão. Tudo isso é tempo (SANTOS, 2008, p. 55).

As dinâmicas do circuito inferior podem ser observadas empiricamente na concretização ou realização do modo de vida da classe camponesa. Esse modo de vida é constituído por relações de intenso trabalho da família durante o trato com a terra na lavoura e também nas feiras, durante a organização e realização do comércio nas relações pessoais diretas com a clientela durante a comercialização. A pesquisa realizada com os camponeses fortalece o entendimento sobre essa inserção da dinâmica rural no circuito inferior da economia da cidade, como também atrelada ao tempo lento da cidade de Santarém.

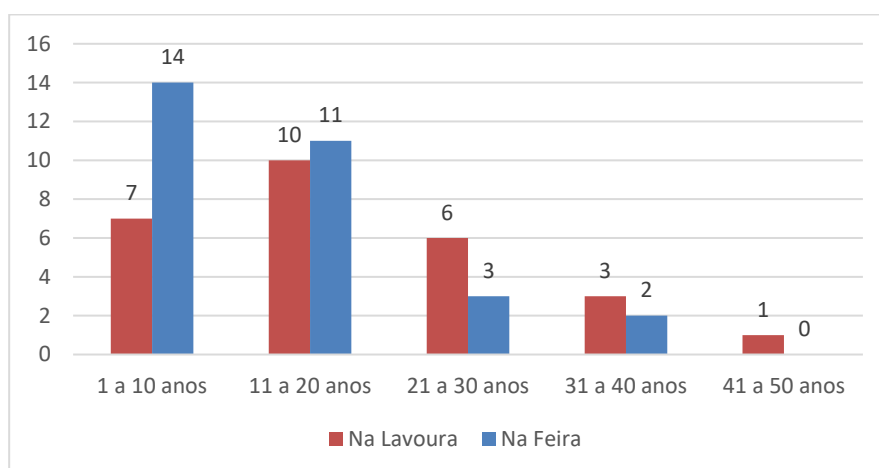
Podemos inferir que as feiras nessa cidade são ditadas por um tempo lento e obedecem os processos e trabalhos da produção e comercialização da lógica camponesa. Isso pode ser comprovado pelos produtos comercializados na feira que são produzidos na terra do tempo de colheita de cada gênero agrícola, como atesta o relato da feirante:

Nossa venda aqui na feira depende muito da época do ano. Tem tempo de vender mais feijão de corda, tempo de vender mais limão, pupunha, cebolinha, abacaxi, acerola e assim por diante .... Nossa venda, depende de que se planta e se colhe em cada época. Se o tempo for bom, melhor dizer se faz chuva ou sol. Tem tudo isso ainda. (Fonte: Entrevista com Feirante M. B. C durante o trabalho de campo na feira do Mercado 2000 em abril de 2017).

Vale ressaltar também a faixa etária dos trabalhadores que estão ligados ao comércio dos produtos nas feiras. Os dados e informações coletadas durante a pesquisa realizada, apontam que a faixa etária predominante desses feirantes varia entre 31 a 50 anos de idade e em boa parte mulheres. Isso nos faz observar um aspecto importante na dinâmica das feiras, qual seja: o vigor físico do trabalhador ou trabalhadora. Pois esse trabalho requer pessoas para carregar as mercadorias e isso de alguma maneira determina a escolha da

pessoa da família que fica na feira vendendo produtos. Mas, sobretudo a capacidade de comunicação para estabelecer diálogos entre os feirantes e os clientes.

Outro elemento está relacionado ao tempo que os trabalhadores ligados a APRUSAN tem enquanto membros da associação e seu trato com a produção na terra. Dos entrevistados, 14 agricultores afirmaram que a participação é em média 10 anos nos referidos espaços da associação, tal resposta equivale a quase metade dos entrevistados. Quando indagados sobre o tempo que trabalham na terra e o que esse recurso significa para os mesmos, 10 feirantes responderam ter relação direta com a terra desde pequeno, e que aprendeu com os pais a trabalhar. Argumentam também, que a terra é a base fundamental da renda familiar. Ademais, fazendo uma média entre os declarante, observamos uma média de 11 a 20 anos de trabalho e relação desses sujeitos com a terra (Gráfico 02), fazendo uso de técnicas e instrumentos de trabalho como foice, enxada e facão e outros que lhes auxiliam e facilitam o trabalho manual.



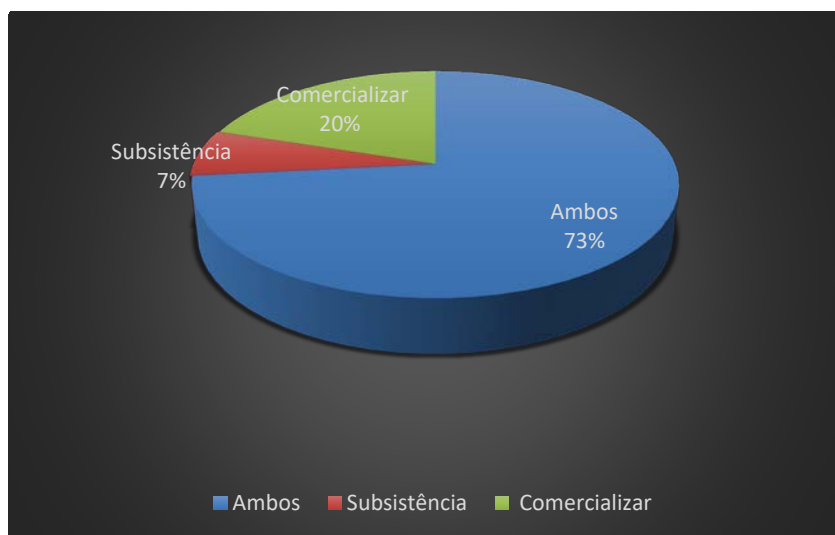
**Gráfico 02: Tempo de Trabalho**  
**Fonte: Trabalho de campo em abril de 2017**

As técnicas descritas por esses trabalhadores rurais e seus usos no trabalho na terra vão ao encontro das ideias de Santos (2004, p 43) quando salienta que:

O circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia “capital intensivo”, enquanto o circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo” e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada.

Soma-se a esse aspecto comprobatório entre as técnicas e seus usos na dinâmica do trabalho no circuito inferior da economia da cidade nas feiras livres camponesas em Santarém, a pesquisa apontou que 73% dos entrevistados tem como objetivo a satisfação da

existência da unidade familiar por meio das suas produções e comercializações dos produtos do trabalho, isto é, produzem para o autoconsumo e para venda. Apenas 7% declararam exercerem atividades somente para a subsistência e 20% afirmaram que seus objetivos primeiros está na relação dos fins comerciais, (gráfico 03).



**Gráfico 03: Objetivos dos trabalhadores feirantes**  
 Fonte: Trabalho de campo realizado em abril de 2017

Nessa questão, Santos (2004) afirma que as atividades atreladas ao circuito inferior da economia, tem finalidade fundamental de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família e dos sujeitos próximos. São portanto atividades econômicas desenvolvidas por unidades familiares que não tem como princípio reprodução capitalista de capital e a acumulação de capital, mesmo havendo nessas atividades camponesas de produção e comercialização um processo de produção de capital, produzido por relações não capitalista<sup>4</sup> onde se estrai também renda da terra, uma vez que o produto do trabalho camponês quando entra na circulação assumem o caráter de mercadorias.

### Considerações

Nesse estudo, entendemos o trabalho camponês como não moderno, atividades de pequena dimensão e que se realiza por meio da mão de obra familiar, sendo a lógica de

<sup>4</sup>Para melhor compreensão de processo contraditório consultar Ariovaldo Umbelino de Oliveira. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: Laboratório de Geografia Urbana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

produção dos camponeses entendida como racional, intencional, criativa e eficiente na sua forma de produzir e reproduzir a vida de trabalho na família.

As feiras livres analisadas devem ser entendidas como espaço de reprodução camponesa por meio da realização de trocas comerciais de uma pluralidades de trabalhadores rurais oriundos de distintas comunidades de várzeas e terra firme do município de Santarém também Mojuí dos Campos. A APRUSAN enquanto entidade representativa desses trabalhadores assumem papel importante na organização política do espaço das feiras.

Contudo, há de se reconhecer as dificuldades que mesmo com grande esforço das distintas diretorias que já passaram pela gestão desses espaços de uso coletivos, há muito em que melhorar para garantir a contento um lugar para circular essas mercadorias do campo. Durante a pesquisa foram muitas as reclamações sobre a falta de logística de transporte para escoar a produção bem como reclamações por melhorias infra estruturais para oferecer aos clientes melhores comodidades ao realizarem suas compras.

Ademais, as análises indicam que as feiras livres de Santarém são parte do circuito inferior da economia urbana como descritos na teoria de Santos (2005). Circuito que se defini pelo conjunto de atividades realizadas em um certo contexto, embasadas na presença da população que está ligada pela atividade e pelo consumo. As características das feiras livres de Santarém, atestam a continuidade de um trabalho árduo e pesado do campo.

A produção destina-se ao consumo do próprio camponês e ao comércio em pequena escala. Nessas relações de trocas ocorre um envolvimento direto entre o produtor e o consumidor, constituídos na linguagens dos feirantes como clientes durante os dias de comercialização.

Dado a escala de produção e as condições de produção, o dinheiro adquirido e colocado em circulação são inferiores quando comparados ao modelo do circuito superior. Não obstante, tem garantido a reprodução de um número expressivo de famílias que tem na terra de trabalho a garantia de existência material.

Portanto, as feiras livres de camponeses na cidade de Santarém, são expressões nos conduz a ideia do caráter diversificado e aspectos tradicionais das famílias camponesas trocaram o produto de seus trabalhos. Esses camponeses da tradição de uso da terra não vendem seu trabalho, mas o produto do trabalho que quando colocado no espaço da circulação, ganha a forma de mercadoria.

As três feiras possibilitam observar e analisar a importância que tem o campo na produção de alimento para aqueles que não cultivam a terra e moram nas cidades. As toneladas de alimentos vão abastecer as mesas dos distintos seguimentos de sujeitos que morando na cidade dependem da produção agropecuária e do extrativismo realizado pelos camponeses. Nestes termos entendemos que esse ramo de atividade econômica realizadas nas feiras, representam localmente espacialidade e temporalidade dos grupos camponeses que resistem ao tempo/espaço da aceleração capitalista, além de representarem também formas de sociabilidade dos homens simples pelos encontros e desencontros que diariamente acontece nas feiras.

### **Bibliografia.**

VERGÉS, Armando Bartra. **Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo.** São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, 2011.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 4. Ed. 4. Reimpr.2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária.** São Paulo: Laboratório de Geografia Urbana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.